
A QUESTÃO DE GÊNERO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL: um olhar sobre o estágio de vivênciaⁱ

Mariana Barbosa de Souzaⁱⁱ

Cristina Luisa Bencke Vergutzⁱⁱⁱ

João Paulo Reis Costa^{iv}

RESUMO: O presente trabalho busca compreender o Estágio de Vivência desenvolvido na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC tendo como enfoque a questão de gênero a partir das falas das estudantes. Busca entender a importância da proposta do Estágio de Vivência no processo de ensino e aprendizagem da Pedagogia da Alternância, além de tentar identificar posicionamentos, representações e percepções embasadas nas relações de gênero presentes no espaço social do cotidiano das relações familiares das agricultoras e agricultores da região do Vale do Rio Pardo. O trabalho é fruto de apontamentos da experiência empírica da atuação junto à Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul-EFASC.

Palavras-chave: Escola Família Agrícola. Pedagogia da Alternância. Gênero. Estágio de Vivência

THE GENDER QUESTION IN SCHOOL FAMILY FAMILY OF SANTA CRUZ DO SUL: a look at the stage of living

ABSTRACT: The present work seeks to understand the Internship developed at the Agricultural Family School of Santa Cruz do Sul - EFASC focusing on the gender issue from the students' statements. It tries to understand the importance of the proposal of the Stage of Experience in the teaching and learning process of the Alternation Pedagogy, in addition to trying to identify positions, representations and perceptions based on the gender relations present in the social space of the daily family relations of the farmers and farmers of the region Of the Rio Pardo Valley. The work is a fruit of notes of the empirical experience of the action next to the Family School Agricultural of Santa Cruz of the South-EFASC.

Keywords: Agricultural Family School. Pedagogy of Alternation. Genre. Experience Internship

INTRODUÇÃO

A importância de refletir sobre a questão de gênero, em especial, no recorte da região do Vale do Rio Pardo^v, se intensifica ao nos depararmos com dados referentes à violência contra mulheres que apontam o Vale do Rio Pardo com acréscimo de, no ano de 2013, 10% em casos de agressão à mulher em comparação com dados de 2012. A nível estadual somente no ano de 2013 foram 92 mortes e 229 tentativas de homicídio.

Mesmo amparadas e legitimadas pela Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), o contexto atual mostra a necessidade constante de articulação de diferentes movimentos e entidades como essencial na luta pela garantia dos direitos das mulheres brasileiras.

Abordando a questão da mulher do e no campo, mesmo tendo ela iniciado a agricultura há mais ou menos 10.000 anos atrás através da observação da natureza para o cultivo de plantas e de sementes, além da relação entre a fecundidade da mulher e a fertilidade dos campos, historicamente o papel sócio, político, cultural e econômico da mulher camponesa é invisibilizado e reduzido à conotação de ajuda quanto ao papel produtivo, de trabalho ou à conotação sexual e biológico reforçado na limitação do espaço privado de relações, ou seja, a casa ou a propriedade.

No recorte da educação, essa luta também deve estar presente em todas as instituições escolares, ainda mais após o debate na construção dos currículos escolares e dos planos de educação em todo o país nos quais a inclusão ou não da questão de gênero nestes documentos gerou manifestações contrárias que levaram o Ministério da Educação a elaborar a Nota Técnica nº 24/2015 que esclarece os conceitos de gênero e orientação sexual e reforça a necessidade deste debate dentro dos currículos escolares compreendendo o trabalho pedagógico de gênero e orientação sexual como “categoria central no processo de construção de uma escola efetivamente democrática, que reconheça e valorize as diferenças, enfrentando as desigualdades e violências e garantindo o direito a uma educação de qualidade a todos e todas”(BRASIL, 2015).

A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC atende filhos e filhas de agricultores e agricultoras da região do Vale do Rio Pardo desde o ano de 2009 tendo no seu caminhar histórico a presença de jovens mulheres com idade de 14 a 22 anos no percentual médio de 20% do total de estudantes matriculados. A proposta de ensino e aprendizagem da EFASC está embasada na Pedagogia da Alternância e fundamentada na concepção da Educação do Campo, portanto se caracteriza educacionalmente como espaço de formação dos sujeitos do campo visando o desenvolvimento das pessoas e do meio mediado pela Pedagogia da

Alternância na qual os estudantes alternam semanas entre sessão familiar e sessão escolar buscando partilhar e compartilhar saberes empíricos e científicos.

Na trilha desta concepção emerge, no ano de 2013, uma nova ação pedagógica na EFASC, denominada Estágio de Vivência, oriunda da necessidade de aguçar ainda mais a troca de saberes tendo a alternância de espaços e tempos entre famílias e estudantes como potencializadora, já que foram formadas duplas de intercambistas que permutaram entre si, ou seja, uma semana de vivência em cada família, vivenciando e experimentando as diferenças, as proximidades e as singularidades de cada espaço, de cada família, de cada comunidade.

A formação das duplas de estudantes intercambistas apenas considerou o aspecto da diversidade topográfica presente nas propriedades das famílias dos e das estudantes da EFASC. Portanto as trocas ocorreram entre estudantes independente do gênero, mesmo com “insegurança do pai”, conforme a fala da estudante do 3º ano Gabrieli Silva^{vi}.

Neste sentido, esse artigo traz a contextualização da ação pedagógica Estágio de Vivência na EFASC abordando as relações de gênero inerentes no transcorrer da ação e as aprendizagens vivenciadas. São apontamentos da experiência empírica na atuação junto à Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC e de entrevistas com as estudantes que participaram dos estágios de vivências da EFASC desde seu início, ou seja, 2013, 2014 e 2015.

Neste sentido, compreende-se a questão de gênero como uma construção sócio-histórica (SCOTT, 1995) nas quais os sujeitos são produtos e efeitos daquilo que produzem. É compreender que na experiência os sujeitos produzem a sociedade e por ela mesma são produzidos tanto em questões científicas como culturais e sociais, isto é, os homens e mulheres, suas experiências, seus conhecimentos são parte daquilo que observam, vivem, criam e transformam. Portanto, através da análise das relações entre homens e mulheres, os estudos de gênero, contribuem para a reflexão da condição feminina na sociedade e todas as relações estabelecidas nesta vivência (TEDESCHI, 2008).

Diante disso, inicialmente, apresentaremos a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC e a sua concepção educacional pautada na Pedagogia da Alternância para, posteriormente, trazermos um breve histórico do Estágio de Vivência da EFASC e as relações de gênero que permearam essa ação pedagógica e se apresentam como possibilidade de desnaturalização das relações de gênero sócio-cultural-historicamente construídas.

CAMINHAR HISTÓRICO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A EFASC

A Pedagogia da Alternância tem seus primeiros ensaios na década de 1930 no interior da França, numa articulação entre famílias de camponeses e Igreja Católica, a partir da insatisfação e recusa de alguns jovens em relação à educação que tinham à disposição, fora do contexto agrícola, sem nenhuma relação com seu cotidiano. Fazendo com que assim, suas famílias, com apoio do padre da comunidade, começassem a pensar uma forma desses adolescentes estudarem, aliando o conhecimento científico dos conteúdos escolares, com o saber das famílias e das práticas diárias de agropecuária em suas propriedades. A necessidade de uma educação contextualizada para esses jovens camponeses, logo ganharia outros países, chegando atualmente nos cinco continentes, em mais de 40 países do globo. Esse movimento passa a partir de 1975 a ser coordenado pela Associação Internacional dos Movimentos Familiares Rurais – AIMFR.

Desde então está organizado a nível mundial, as experiências de educação a partir da Pedagogia da Alternância, de várias organizações, que formam os Centros Educativos Familiares de Formação em Alternância – CEFFAs, que congregam Escolas Famílias Agrícolas - EFAs, Casas Familiares Rurais - CFRs, Escolas Comunidades Rurais – ECORs e uma série de entidades, que organizam sua prática pedagógica na Pedagogia da Alternância e mantém os pilares comuns de todas essas experiências: Associação Local, Pedagogia da Alternância, Formação Integral e Desenvolvimento do Meio.

Esse movimento de Educação, iniciado em terras francesas e que aos poucos foi denominado Pedagogia da Alternância, é trazido para o Brasil em 1968, no estado do Espírito Santo, com a forte presença da Igreja Católica, justamente no momento em que a Ditadura Civil – Militar aprofundava a repressão aos movimentos populares de toda ordem. Sendo assim, já em 1969 começava em solo brasileiro a experiência da primeira Escola Família Agrícola, em terras capixabas, no município de Olivânia -ES. Movimento este que vai ganhando o país e atualmente se encontra nas cinco grandes regiões do Brasil, em 17 estados, totalizando 147 Escolas Famílias Agrícolas onde estudam mais de 10 mil filhos de agricultores (as) familiares.

No ano de 2009 foi criada a primeira Escola Família Agrícola –EFA no sul do Brasil, no município de Santa Cruz do Sul, região do Vale do Rio Pardo, denominada Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC, ligada à Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA, filiada à UNEFAB e à AIMFR.

A EFASC atende jovens das populações do campo oriundos da agricultura familiar, filhos e filhas de agricultores e agricultoras da região do Vale do Rio Pardo, com idade entre 13 e 23 anos, egressos de escolas públicas inseridas no meio rural e aptos a frequentar o ensino médio e ensino técnico em agricultura^{viii}. Estas famílias trabalham na agricultura, envolvendo na produção

agrícola todos os membros desta, sendo o cultivo do tabaco a produção predominante nas propriedades.

São jovens agricultores e agricultoras que buscam nesta escola uma formação escolar dupla (ensino médio e técnico) como também uma proposta educacional voltada à família e à agricultura. É o desejo por uma educação do campo, por ações educacionais que possibilitam a valorização das matrizes culturais, contextualizadas na vida, no trabalho e na cultura do campo. A possibilidade de optar por uma escola do campo, abre um leque de escolhas e oportunidades congruentes pela permanência ou não no campo, mas tendo relações de vida pautadas na qualidade de vida, na geração de renda planejada e ética, no respeito à diversidade e peculiaridades de saberes. (VERGUTZ, 2013).

EFASC E A REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO

Com sua atuação educativa do campo voltada ao Ensino Médio e Técnico Profissionalizante em Agricultura, a EFASC surge no cenário da região do Vale do Rio Pardo com o objetivo de problematizar a situação atual dos agricultores. Ou seja, dialogar com as famílias agricultoras envolvidas, em sua maioria, na prática agrícola da monocultura do tabaco, apresentada como a principal cultura agrícola que se caracteriza pela presença na região de um conglomerado de multinacionais^{viii} deste setor, fazendo desta região a maior produtora de tabaco do Brasil. Este contexto do Sistema Integrado da Produção do Tabaco (SIPT)^{ix} abrange a maioria das famílias dos estudantes da escola sendo importante ressaltar que há famílias que apresentam possibilidade e o interesse de realizar uma agricultura voltada para a diversificação.

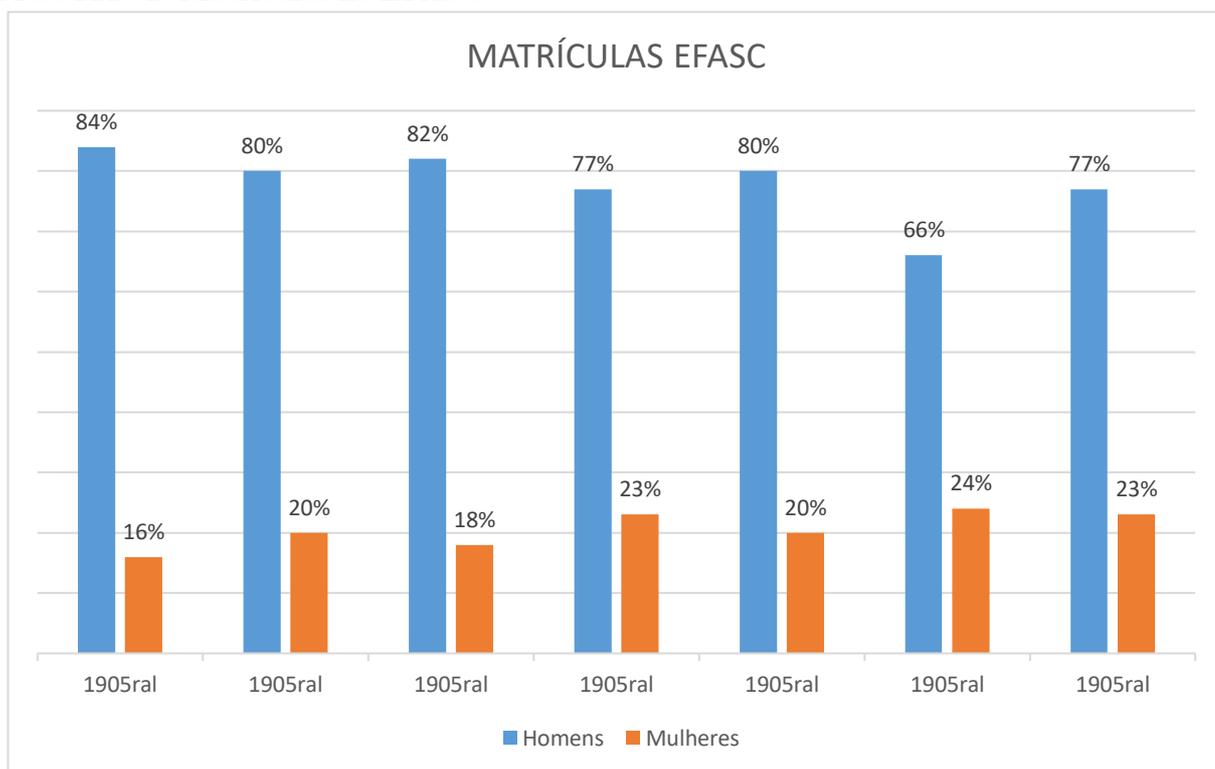
A presença das mulheres no contexto da região do Vale do Rio Pardo se apresenta atrelada às construções sociais que levam às desigualdades de gênero que dificultam as participações e o envolvimento das mulheres no que tange a todas as relações sociais, políticas, culturais e econômicas. Ou seja, marginalizando o trabalho feminino que se apresenta limitado ao espaço privado, do lar, do cuidado da casa e dos filhos e da “ajuda” prestada do marido nos demais trabalhos produtivos da propriedade rural. Associando a mulher à incapacidade em comparação aos homens, isto é, o espaço das decisões é patriarcal e, conforme aponta CASTRO (2008), esse é um dos motivos das saídas das jovens do meio rural e migração para as cidades na busca de emprego e também de escolaridade.

É possível perceber isto na procura pelas matrículas na EFASC. Historicamente, as matrículas de estudantes na EFASC, apresentam a maioria de jovens do gênero masculino tendo uma média de 20% de matrículas de jovens do gênero feminino deste seu início em 2009 até os

dias atuais (FIGURA 01), partindo do pressuposto de uma lógica binária não excludente, em outras palavras, a EFASC está aberta à diversidade, entretanto, não recebemos até o momento, a matrícula de estudantes transgêneros por exemplo. Por outro lado, mesmo a EFASC apresentando-se como uma possibilidade educacional voltada e contextualizada com o campo, percebemos uma resistência na vinda das jovens à EFASC.

É possível perceber essa resistência nas falas e depoimentos das próprias jovens após ingressarem na EFASC. A exigência da permanência das e dos estudantes na sessão escolar na estrutura escolar da EFASC é apontada como dificuldade no “convencimento” da família para o ingresso delas na escola. Cabe ressaltar que para a Pedagogia da Alternância, a vida de grupo, se apresenta, conforme GIMONET (2007) como um princípio de uma Escola Família Agrícola - EFA, ou seja, a estrutura educativa organizada em internato e num pequeno grupo faz parte do processo formativo na Pedagogia da Alternância.

FIGURA 01: Matrículas na EFASC



Fonte: Secretaria EFASC, 2015.

OS INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS E O ESTÁGIO DE VIVÊNCIA NA EFASC

A Pedagogia da Alternância tem sua estruturação pedagógica na triangulação ação-pesquisa-formação permanente (GIMONET, 2007). Sua práxis está no movimento de estar uma semana na sessão familiar, em casa junto à família/comunidade e após estar uma semana na

sessão escolar, na escola junto aos colegas e monitores. De acordo com De Burghgrave (2011), a Pedagogia da Alternância apresenta uma proposta educacional revolucionária por ter o seu processo de ensino e aprendizagem baseado na ação e reflexão, compreendendo a ação como sua dimensão constitutiva, articulando-se na relação teoria e prática, visando a transformação da realidade, “dentro de um planejamento minuciosamente estabelecido, mas flexível e aberto às adequações que a evolução tecnológica do mundo contemporâneo impõe” (p. 190). Neste sentido o aprender se dá no movimento da ação e da reflexão, que faz interagir diferentes saberes e experiências através da alternância marcada pelo distanciamento e conseqüente aproximação dos objetos cognoscíveis proporcionando o conhecer crítico e a conscientização.

A operacionalização da Pedagogia da Alternância está construída nos instrumentos pedagógicos^x que historicamente foram elaborados, ou seja, na própria caminhada histórica do exercício da alternância como proposta educacional organizou-se ferramentas pedagógicas que garantissem o elo de aprendizagem na relação ação e reflexão.

Na trajetória histórica da construção da operacionalização da Pedagogia da Alternância, o primeiro instrumento pedagógico construído e proposto aos jovens e suas famílias foi que elaborassem um estudo progressivo sobre a roça da família. Esta ação foi denominada de “caderno de exploração familiar”, no qual jovem juntava suas observações, análises e reflexões ao longo de sua formação. As meninas, em razão de seu estudo na época estar direcionado às atividades domésticas, elaboravam o “caderno de casa” (GIMONET, 2007). O que indica e reforça a delimitação histórica do espaço e do papel social e econômico da mulher estruturalizado no ambiente privado do lar, ou seja, naturalizando o tripé mulher-mãe-dona de casa.

A naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e explicar os mecanismos que conformam esses papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres, e também seu papel na construção do conjunto das relações sociais (FARIA e NOBRE 2007, p. 3).

Os instrumentos pedagógicos além de assumirem a característica de registros das alternâncias se estruturam potencializando a pesquisa, a interrogação, o diálogo, a experimentação, a troca, a expressão, a sistematização através de relações com o viver, com o trabalho, com o distanciamento e com respeito aos diferentes saberes e relações existentes na humanidade. Neste sentido a Pedagogia da Alternância ultrapassa a característica singular do movimento de alternar, sessão familiar e sessão escolar, já que a partir de sua organização

pedagógica e potencializada pela pertença a movimentos sociais e/ou grupos de pessoas que buscam mudanças nas concepções de vida no e com o campo, assume-se como uma proposta educativa na perspectiva de uma teoria - prática – emancipatória (VERGUTZ; CAVALCANTE, 2014). Pois ela se caracteriza ideologicamente em oposição à naturalização da exclusão como lógica dominante e, neste sentido, ultrapassa apenas seu sentido pedagógico que possibilita vivências de aprender e conhecer trabalhadas na perspectiva da horizontalidade dos saberes imersos na diversidade, ou seja, tem-se o diálogo de saberes como alternativa de um processo educativo emancipatório.

Assim, é possível apontar a Pedagogia da Alternância na perspectiva de um processo de ensinar e aprender estruturado essencialmente numa relação educativa dialógica que se fundamenta no respeito aos sujeitos na relação educativa vivenciada, sem dominados e dominantes, mas sim alimentada na humildade e no fortalecimento do espaço para “dizer a sua palavra” (FREIRE, 1994). É a operacionalização dos instrumentos pedagógicos, que potencializam estes diálogos pautados na partilha das experiências e saberes caminhando para o refletir e, dessa forma, o participar e o agir criticamente.

Cabe salientar que os instrumentos pedagógicos se apresentam de forma muito orgânica e viva na amplitude do movimento dos CEFFA’s - Centros Familiares de Formação em Alternância, ou seja, muitas vezes em razão das peculiaridades pertinentes a cada vivência da Pedagogia da Alternância, surgem outras ações pedagógicas que acabam se legitimando como um instrumento pedagógico em razão da sua amplitude e do envolvimento pedagógico que assume no transcorrer do processo de ensino e aprendizagem.

Assim surge no ano de 2013 a proposta do Estágio de Vivência que caracteriza-se como uma ferramenta pedagógica da Pedagogia da Alternância que busca proporcionar ao e a estudante da EFASC trocar saberes, partilhar experiências e práticas, intercambiar costumes e relações familiares, comunitárias e, principalmente, de vivência e identificação com o elo que liga a todos os estudantes e as famílias participantes do Estágio de Vivência, ou seja, a EFASC.

Considera-se o Estágio de Vivência como um momento pedagógico que possibilita que a regionalidade presente na EFASC seja conhecida e reconhecida, com toda a sua riqueza de diversidade social, econômica, cultural e humana além da ênfase nas interações com os diferentes contextos, experiências e vivências ressaltadas através do viver uma semana na realidade de outro ou outra estudante da EFASC e de sua família.

Foram formadas duplas de intercambistas que permutaram entre si, ou seja, uma semana de vivência por família (totalizando duas semanas), tendo como encaminhamento pedagógico, os estudantes vivenciarem a experiência da vida, do grupo de pessoas formadoras da família do e da

colega estudante da EFASC. Sugeriu-se o registro diário das percepções vivenciadas, como memória das vivências na perspectiva da compreensão de vivências como uma experiência que assume “diferentes sentidos, que acarretam repercussões e podem ser aproveitados metafórica e analogicamente seja no mundo objetivo, seja no contexto das relações/interações sociais, ou mesmo no campo das subjetividades”. Essa experiência traduz-se como “ação de um corpo sensível que percebe, que participa, que integra e é integrado na vivência” (GUSTSACK, 2012, p. 147-148).

Outra tradução dessas vivências foram os registros através do desenho, da colagem ou da costura em cartazes ou em panos efetivados durante o estágio (nas semanas de vivências nas e com as duas famílias) e apresentadas no retorno à EFASC quando todos os estudantes colocam em comum as suas vivências através de apresentações orais com relatos, fotos e/ou vídeos. No ano 2013 e 2014 o conjunto das representações das vivências foram sistematizados na confecção de cartazes e no ano 2015 através da confecção de uma colcha de pano denominada “Colcha de Retalhos” a qual foi costurada no transcórre dos relatos dos e das estudantes com ajuda da avó de dois estudantes da EFASC, Sra. Mariza Reis Costa (FIGURA 02, FIGURA 03 e FIGURA 04).

FIGURA 02: Representação em pano das vivências no Estágio de Vivência (2015)



Fonte: Arquivo EFASC

FIGURA 03: Socialização das vivências do Estágio de Vivência (2015).



Fonte: Arquivo EFASC

FIGURA 04: Confeção da “Colcha de Retalhos” do Estágio de Vivência (2015).



Fonte: Arquivo EFASC

Estes registros são importantes para traduzir que a EFASC, tendo como pano de fundo a Pedagogia da Alternância possui uma prática educacional baseada na igualdade de oportunidades de gênero, isso é um processo contínuo no espaço escolar. Tendo em vista que estas oportunidades necessitam envolver desde o espaço físico escolar até as atividades curriculares e extracurriculares, trataremos a seguir do estágio de vivência e as relações de gênero.

O ESTÁGIO DE VIVÊNCIA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

A ação pedagógica de Estágio de Vivência foi aprovada e legitimada em reunião da Associação das Famílias da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - ASSEFASC e após em Assembleia Geral da ASSEFASC ocorrida em dezembro de 2013 na qual estabeleceu-se o Estágio de Vivência como instrumento pedagógico do processo formativo da EFASC. Entretanto este processo de legitimação não se apresentou de forma tranquila tanto no início como ainda nos dias atuais.

A maior resistência aparece com relação à questão de gênero. Algumas famílias das jovens externalizaram o receio do intercâmbio com colegas do gênero masculino. Nas falas das estudantes os receios perpassam, em grande parte, na conotação sexual na qual as mulheres são reduzidas, *“o pai tinha medo que quando eu ficasse sozinha com um guri, poderia acontecer alguma coisa, como ele me agarrar”* (fala da estudante do 3º ano, Cheila Luiza Dreissig Breuning) ou *“tinham medo do que os outros iam falar de mim”* (fala da estudante do 3º ano, Andressa Rafaela Richter) ou *“o pai dizia: vai que o guri tem outras intenções”* (fala da estudante do 3º ano, Grabieli da Silva).

Outro aspecto apontado pelas estudantes no transcorrer do Estágio de Vivência, é a associação à incapacidade das mulheres em comparação com os homens, em especial, no seu conhecimento técnico-científico, como demonstra a fala da estudante do 3º ano, Cheila Luiza Dreissig Breuning,

a família do colega que eu fiz o estágio, no início tinha dificuldade de falar comigo, o pai dele pegava no meu pé “como tu tem coragem de fazer um estágio na casa de um guri?”. Eu via que ele não se sentia à vontade comigo, mas depois que eu comecei a falar da minha propriedade, do que a gente fazia na minha realidade ele ficou surpreso e começou a falar mais comigo e perguntar mais, ele viu que eu sabia também.

Para Tedeschi (2008, p.12) as abordagens da história das mulheres perpassam por diferentes perspectivas, entre elas, o imaginário, a sexualidade, o corpo, a dominação simbólica, as representações. Na história da humanidade as representações do feminino foram construídas por discursos filosóficos e históricos embasados e legitimados “que em certa época conferiam

um caráter científico e natural dos papéis da mulher, do que significa ser mulher”. Portanto, de acordo com o autor, as construções das identidades e interpretações do feminino e do masculino estão ancoradas em dois discursos: de matriz filosófica grega e da moral católica.

No discurso de matriz filosófica grega a mulher é vista e pensada apenas como um objeto, vivendo sob o comando e controle dos homens já que são criaturas irracionais, sem pensar próprio, legitimando a sua inferioridade e fragilidade. O discurso da moral católica reforça ainda mais a questão das desigualdades de gênero ao criar dois modelos de representação embasado em duas mulheres base da tradição cristã e com características antagônicas: “Eva pecadora” e “Maria virtuosa”.

Neste sentido, as percepções das famílias e das jovens refletem o imaginário sócio-cultural construído historicamente pela humanidade sobre as mulheres. Ou seja, a mulher compreendida apenas no aspecto biológico e fisiológico, na perspectiva sexual, com comportamentos predestinados e naturalizados a partir de uma condição moral. E outro aspecto relacionado à desvalorização do trabalho feminino, no contexto da agricultura e da sua sabedoria, é a conotação do trabalho feminino como “ocupação” ou como complementaridade, menos valorizados socialmente para o mercado e sendo, portanto, caracterizado como ajuda já que o conceito de trabalho socialmente relaciona-se aos aspectos da produção, com geração direta de renda e, dessa forma, os cuidados da vida humana, de pequenos animais, de plantas medicinais, entre outros aparecem pela aparência da ajuda, do apoio.

De acordo com Gouveia, Ismael e Camino (2008, p. 83),

No caso das mulheres, a consciência da discriminação de gênero facilita a mudança na auto-imagem e nos sentimentos de inferioridade e impotência nas crenças sobre direitos e capacidades, promovendo a autonomia individual e a solidariedade. O aumento da autoconfiança, a abertura para as mudanças e ação para promovê-las são, assim, inseparáveis.

Portanto, compreendendo a educação como “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, 2007, p. 10) e, dessa forma, como um processo político e nunca “mentirosamente neutro(?)” (FREIRE, 2014, p.48) é pertinente afirmar que as ações pedagógicas propostas pelas escolas se configuraram como um espaço de reprodução da dominação do homem sobre a mulher ou como espaços de problematização, de reflexão e de emancipação das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que é possível apontar o Estágio de Vivência na EFASC como um instrumento pedagógico que potencializa um processo educacional emancipatório na questão relativa às relações de gênero. Isto porque, o Estágio de Vivência se apresenta reforçado e vinculado à Pedagogia da Alternância e à Educação do Campo que historicamente se fundamentam no reconhecimento dos sujeitos e na diversidade de seus saberes, tendo uma práxis enraizada no sentido vivencial dos homens e das mulheres pertencentes ao campo e que também se apresentam imbuídas de questões sociais e políticas que empoderam estes sujeitos como conhecedores de sua história e capazes de se tornarem agentes de uma coletividade. Ou seja, fortalecem a continuidade da luta por relações humanas capazes de reconhecer toda a diversidade.

Ainda, o estágio de vivência apresenta-se como uma prática educativa que requer expectativas iguais, tanto das meninas, quanto dos meninos. Isso é uma prática que se apresenta de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), os quais sugerem críticas aos estereótipos relacionados a gênero. Em outras palavras, exige uma desconstrução de representações que apontam o homem sempre como o responsável pelo zelo com a sustentação familiar e a mulher atribuída das tarefas domésticas.

Após a realização do estágio de vivência, a colocação em comum apresenta-se como uma possibilidade de todos verificarmos como essas reproduções de estereótipos se dão e de que forma podemos combatê-las. Ademais, é nítido o empoderamento das meninas que se sentem capazes de realizar coisas que antes, talvez, nem ao menos tivessem coragem. A discriminação de gênero pode ser atenuada por meio de debate e criação de espaços que permitam a comunicação a respeito do tema e nesse sentido, a EFASC contribui, para além do empoderamento das estudantes, mas também para o processo de tomada de consciência dos estudantes, os quais percebem que, em muitas ocasiões, são replicantes de ações preconceituosas para com as mulheres.

Pensar e concretizar ações que possibilitem a reflexão sobre as relações de gênero, as desigualdades, as representações e imaginários naturalizados na construção sócio histórica da humanidade, seguindo os ideais de uma educação libertadora, fazem parte da responsabilidade educacional e devem ser inerentes à escola, sobretudo porque, em alguns momentos, atitudes discriminatórias podem ocorrer por desinformação. Negar ou negligenciar esse papel é reproduzir e reafirmar relações sociais que fortalecem à ideologia de opressão tendo o espaço escolar como ambiente potencializador disso e não como problematizador, acreditando na

interação, na relação na qual homens e mulheres se percebam no mundo, com os outros e outras, em relações que os constituem humanos e que ao se humanizarem, humanizam o mundo (FREIRE, 2005).

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasilense, 2007.

BRASIL, 2015. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, **Nota Técnica nº 24/2015**. Brasília, DF, agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/noticias/nota-tecnica-no-24-2015-mec>>. Acesso em: 10 mar. de 2017.

BRASIL, **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Brasília: MEC, 2006.

COSTA, J. P. R. **Escola família agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da pedagogia da alternância**. 2012. 226f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/422>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FARIA, N.; NOBRE, M. (Org.). **Gênero e desigualdade**. Cadernos Sempre Viva: Texto para ação feminista, São Paulo, SOF, p. 11-14, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1ª ed, 2014.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR. 2007.

GOUVEIA, Raimundo Cândido; ISMAEL, Eliana Costa; CAMINO, Leôncio. Equidade de gêneros e diversidade sexual: propostas para uma sociedade mais justa. IN: GENTLE, Ivanilda Matias; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; GUIMARÃES, Valéria Maria Gomes. **Gênero, diversidade e educação: conceituação e práticas de direito e políticas públicas**. (Orgs.). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

GUSTSACK, F. Vivências e reflexões em torno da Educação. In: ANDREOLA, B.A.; HENZ, C. I.; GHIGGI, G. **Diálogos com Paulo Freire: ensaios sobre educação, cultura e sociedade**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2012, p. 139 – 158.

POZZEBON, Adair. **A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio pardo, RS: Uma contribuição para o desenvolvimento rural.** Dissertação de Mestrado – PGDR/UFRGS. 2015.

SCOTT, J. W. G. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, UFRGS vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TEDESCHI, L.A. **História das mulheres e as representações do feminino.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

VERGÜTZ, C. L. B. **Aprendizagens na Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul.** 2013. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/506>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

VERGUTZ, C. L. B.; CAVALCANTE, L.O.H. As aprendizagens na Pedagogia da Alternância e na Educação do Campo. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p. 371-390, jul./dez.2014<<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>.

ⁱ Uma versão preliminar deste artigo foi submetida, avaliada e publicada nos anais do evento “VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação, realizado na Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, em Santa Cruz do Sul, entre os dias 27 e 30 de abril de 2016.

ii Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Doutorado em Desenvolvimento Regional.

iii UNISC-Universidade de Santa Cruz do Sul (Doutorado em Educação); EFASC - Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul

iv UNISC-Universidade de Santa Cruz do Sul (Doutorado em Desenvolvimento Regional); EFASC - Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul

v A região do Vale do Rio Pardo está localizada na área centro-nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. É constituída por 23 municípios em uma extensão de 13.255,7Km² com uma população total, em 2011, de 419.609 habitantes segundo dados da Fundação de economia e Estatística – FEE.

vi As estudantes entrevistadas autorizaram a publicação de seus nomes neste artigo, no sentido de negar a posição de invisibilidade que a mulheres do campo são condicionadas.

vii A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul possui autorização e credenciamento para oferta de Curso de Ensino Médio conforme Parecer do Conselho Estadual de Educação – CEED/RS nº 142 de 29 de janeiro de 2009, e oferta de Curso Técnico de nível Médio em Agricultura – Eixo Tecnológico Recursos Naturais conforme Parecer do CEED nº 692 de 10 de novembro de 2010.

viii Dentre as multinacionais estão Souza Cruz, Philip Morris, JTI, Universal Leaf Tabacos e Alliance One.

ix Segundo o Sinditabaco (Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco) o SIPT é “considerado um dos pilares do agronegócio do tabaco, o SIPT prima pela sustentabilidade em sua essência, econômica, social e ambiental, fortalecendo toda a cadeia produtiva, do produtor ao cliente final”. Na região Sul do Brasil o SIPT está “Presente em 656 municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, o tabaco é cultivado em 327 mil hectares, por 165 mil produtores integrados.” (<http://sinditabaco.com.br/sistema-integrado>- Acesso em novembro/2012).

x São instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância das EFASC: Plano de Formação (organização do conjunto de componentes de dispositivo pedagógico), Plano de Estudo (pesquisa participativa com a família e com a comunidade, conversa, diálogo); Colocação Comum (apresentação oral do Plano de Estudos); Caderno da Realidade (registro da vida do aluno); Caderno de Acompanhamento (elo de ligação família e escola); visitas às famílias (conhecimento da realidade do aluno e estreitamento da relação escola-família); visita de estudos (confronto e comparação de experiências); tutoria (acompanhamento contínuo da aprendizagem em alternância do/da estudante por um/uma monitor/monitora) Projeto Profissional do Jovem - PPJ (desenvolvimento do projeto profissional vinculado a propriedade familiar ou comunidade) e avaliação geral de todo o processo formativo.